

A várzea no reinado de Momo: carnaval em clubes amadoristas de Belo Horizonte nos anos 1940 a 1980

The *várzea* in the *Momus*' reign: carnival in amateurs clubs in Belo Horizonte between the 1940's and the 1980's

Raphael Rajão Ribeiro

Instituto Federal do Ceará, Jaguaribe/CE, Brasil
Doutor em História, Política e Bens Culturais, FGV
raprajao@gmail.com

RESUMO: O presente artigo se propõe a examinar as aproximações entre os clubes de futebol de várzea e os festejos carnavalescos em Belo Horizonte entre os anos 1940 e 1980. Por meio de registros jornalísticos, relatos orais e acervos fotográficos, o texto busca compreender de que forma as agremiações amadoristas se envolveram com os folguedos momescos em suas diferentes vertentes. Compartilha-se a perspectiva de que as entidades esportivas populares do período estudado eram associações com ampla inserção comunitária, mantendo uma rica atividade social e cultural. Nessa medida, a identificação da estreita relação entre futebol e carnaval na vida de bairro permite compreender um dos caminhos para a conexão entre essas duas expressões que, ainda hoje, influenciam-se mutuamente.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol de várzea; Carnaval; Cultura popular; Vida de bairro; Belo Horizonte.

ABSTRACT: This paper aims to examine the approximations between *futebol de várzea* clubs (grassroots football clubs) and carnival feasts in Belo Horizonte between the 1940's and the 1980's. Using press records, oral reports and photographic collections, the text attempt to understand the way by the amateurs clubs participate in different kinds of carnival celebrations. The study assumes a perspective that those working classes sportive entities of this period were associations with wide communal insertion, with a substantial social and cultural activity. Therefore, the straight relation among football and carnival allows understanding the paths to the connection between both manifestations that, now a day, still affected each other.

KEYWORDS: *Futebol de várzea*; Carnival; Popular culture; Neighbourhood; Belo Horizonte.

INTRODUÇÃO

O presente artigo objetiva contribuir para o debate sobre as carnavalizações do futebol brasileiro, por meio da investigação da historicidade desse processo. Para tanto, a proposta desenvolvida aqui é a de examinar como uma vertente da prática, o futebol de várzea, relacionou-se com as celebrações do período carnavalesco na capital mineira, Belo Horizonte, em seu momento de metropolização, entre as décadas de 1940 e 1980.

A incorporação de atividades carnavalescas por clubes esportivos, em especial, por aqueles formados nos arrabaldes das cidades brasileiras ou em suas regiões periféricas não é novidade, tendo sido identificada em estudos de história do esporte.¹ Dessa forma, o artigo visa aprofundar a discussão, com a apresentação da diversidade de expressões momescas articuladas às agremiações varzeanas e os variados sentidos que essas práticas culturais incorporaram ao longo do recorte de quatro décadas.

Para tanto, serão examinadas fontes jornalísticas, relatos orais e acervos fotográficos. Em relação aos registros de imprensa, são trabalhadas colunas, reportagens e notas publicadas no *Diário da Tarde*, vespertino editado pelos Diários Associados, que tinha um perfil mais popular em relação ao *Estado de Minas*, título da mesma empresa. Com a valorização de notícias esportivas, policiais e do cotidiano da cidade, aquele periódico é reconhecido pelos integrantes das agremiações como o que, por décadas, dedicou mais espaço ao tema, sendo não apenas um divulgador, mas também um patrocinador e promotor de iniciativas direcionadas à várzea. O conjunto de jornais analisado cobre o período de 1948 a 1984, coleção disponível fisicamente na Hemeroteca Pública do Estado de Minas Gerais.

Os relatos orais utilizados para a composição do artigo são parte do acervo formado por conta do Inventário do Futebol Amador em Belo Horizonte, iniciativa da Fundação Municipal de Cultura e da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer da capital mineira, com vistas ao reconhecimento da prática como patrimônio imaterial da cidade. Trata-se de um conjunto de 49 entrevistas, que totaliza aproxima-

¹ PEREIRA. *Footballmania*, p. 244-248; MELO. *Cidade expandida*, p. 73-115.

damente 60 horas de gravação, em meio ao qual foram cotejadas informações sobre a relação entre os clubes e as diferentes expressões dos festejos carnavalescos. Tal material encontra-se em processo de recolhimento pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH) e terá sua guarda associada ao Fundo Secretaria Municipal de Esportes e Lazer.

Por fim, são examinados registros fotográficos, sejam aqueles integrantes de publicações do *Diário da Tarde*, seja o conteúdo recolhido junto aos clubes varzeanos da capital mineira durante o levantamento documental para o, já referido, Inventário do Futebol Amador em Belo Horizonte. Esse material é valorizado em sua gramática própria,² oferecendo indícios relevantes na escrita do artigo, com informações que extrapolavam o que era apresentado em reportagens e outras fontes textuais.

A partir do exame dessas evidências, feito à luz, sobretudo, do diálogo com os estudos da história do esporte, o presente artigo buscará apresentar diferentes aproximações entre as agremiações varzeanas e os festejos carnavalescos. Para tanto, é preciso identificar inicialmente a inserção das entidades esportivas populares na vida de bairro e o papel que as atividades sociais desempenhavam na sua organização.

FUTEBOL DE VÁRZEA E VIDA DE BAIRRO

Nos anos 1950 e 1960, Belo Horizonte vivenciou considerável expansão demográfica e territorial, em grande medida, a partir de um padrão periférico de urbanização.³ Percentual considerável do contingente populacional responsável por esse crescimento originava-se de fora do município. Segundo dados do censo de 1960, a capital mineira totalizava, naquele ano, 683.908 habitantes, dos quais 53% não eram nascidos ali. Mais importante que isso, 30% dos seus residentes, ou mais de 207 mil pessoas, haviam chegado à cidade ao longo da década de 1950.⁴

A pressão especulativa sobre as áreas centrais implicou, nos anos 1920 e 1930, na remoção de populações para vilas operárias ou ocupações irregulares. A tendência de mobilidade interna dos grupos pobres persistiu nas décadas seguin-

² BORGES. *História & fotografia*.

³ BONDUKI. *Origens da habitação social no Brasil*, p. 12.

⁴ IBGE. *Censo demográfico*, p. 84 e 118.

tes. A ocupação de loteamentos em áreas distantes da cidade, muitos dos quais não aprovados, promovia o encontro de pessoas com trajetórias de vida diversas, de originários de outros estados ou do interior de Minas Gerais a naturais de Belo Horizonte, procedentes de diferentes regiões da capital mineira. Independentemente de sua origem, essas pessoas tinham em comum o início de um projeto de vida ligado à aquisição de um terreno e ao esforço para a construção ou manutenção de uma casa em bairros ainda pouco integrados ao centro da cidade. Nessa perspectiva, novas possibilidades de sociabilidade eram colocadas e se articulavam ao desejo de estabelecer uma comunidade entre aqueles habitantes, como ressalta a antropóloga Eunice Durham:

A uniformidade e a segregação relativa parecem favorecer o desenvolvimento de uma sociabilidade local que distingue essa população das camadas mais abastadas. Para estas, as distâncias são eliminadas pelo automóvel e pelo telefone e a sociabilidade se exerce entre parentes e amigos dispersos pela cidade. A casa ou o apartamento, isolados e auto-suficientes, limitam o espaço social que não é complementado pela vizinhança. Na periferia, ao contrário, a vizinhança e o bairro constituem locais privilegiados para a formação de redes de sociabilidade.⁵

A experiência das agremiações vazeanas, em especial entre os anos 1940 e 1960, aponta no sentido da constituição de extensas redes de sociabilidade que, obviamente, se materializavam nos campos de jogo e à beira deles, mas que, igualmente, se estendiam para outros momentos da vida de bairro.⁶ No esforço para consolidar pertencimentos comunitários, os clubes amadoristas se fortaleciam, gerando apoio social e material para sua manutenção e seu desenvolvimento.

Nessa perspectiva, ao longo dos anos 1940 e 1960, o mais comum entre os clubes amadoristas era uma atuação que extrapolava a prática exclusiva do futebol e que incluía a organização de uma programação de encontros e bailes baseada em suas sedes sociais, fossem elas próprias ou alugadas. Não eram raros anúncios de festividades nas agremiações varzeanas a cada final de semana.⁷ Essas iniciativas, além de servirem de oferta de lazer para a população de bairros menos integrados

⁵ DURHAM. A sociedade vista da periferia, p. 174.

⁶ Referência importante sobre sociabilidade e lazer no bairro, partindo do caso de São Paulo, é: MAGNANI, *Festa no pedaço*.

⁷ Festividades sociais nos clubes amadoristas. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 4, 6 out. 1950.

ao centro da cidade, muitas vezes bastante afastados, também garantiam às entidades esportivas uma geração de recursos capaz de sustentar seus outros setores. Como destacava um dirigente dos anos 1950, as rendas obtidas com as atividades sociais “proporcionam meios financeiros com os quais possam atender aos diversos encargos e exigências para maior assistência aos jogadores: exames médicos periódicos, medicamentos, condução etc.”.⁸

Tendo em vista a importância da atividade social para a sobrevivência do próprio clube, havia um esforço das agremiações em manterem sedes sociais. Em meados do século XX, o mais comum era a separação entre essa instalação e o campo, situados em endereços diferentes. Essa primeira era onde as noites dançantes se organizavam, assim como um local para o convívio entre os associados.⁹ A tendência era de locação de edifícios já existentes, custeada pela arrecadação com as festividades.¹⁰ Em alguns casos, observava-se o empreendimento da construção da sede, como fez o Montanhês, do bairro São Pedro, nos anos 1960.¹¹

Essa situação de ocupação de imóveis disponíveis nos bairros, próprios ou alugados, separados dos campos, começará a se reverter na passagem dos anos 1960 para os anos 1970. Com o avanço da urbanização sobre a primeira periferia de Belo Horizonte, a chamada zona suburbana, tornava-se cada vez mais difícil e dispendiosa a manutenção de uma sede social. No que se refere aos bairros mais recentes, surgidos a partir do avanço de loteamentos não aprovados, essa característica de manutenção de instalações separadas do espaço de jogo não se fazia presente, nem mesmo a promoção de horas dançantes. Como será visto mais a frente, uma nova dinâmica de ocupação cultural dos espaços se desenvolveu nessa outra configuração urbana.

Na programação das festividades dos clubes, a presença das mulheres ganhava destaque. Não raro, os departamentos sociais das agremiações, responsáveis

⁸ A IMPORTANCIA DAS ATIVIDADES SOCIAIS NUM CLUBE AMADOR. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 20 set. 1955.

⁹ A distinção entre o espaço de jogo e a sede social marcou a trajetória de diversas agremiações amadoras, para casos no sul do país ver: ALBA, *Memórias do Clube Esportivo e Recreativo Atlântico da cidade de Erechim*; RIGO, *Memórias de um futebol de fronteira*.

¹⁰ DOMINGO PRÓXIMO A INAUGURAÇÃO DA SEDE DO AVANTE. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 10 ago. 1956.

¹¹ LIMA, Márcio Rodrigues de [68 anos]. [jan. 2018]. Entrevistador: autor. Belo Horizonte, MG, 13 jan. 2018.

pela promoção de bailes e atividades assistenciais, eram conhecidos por departamentos femininos.¹² Como afirma Vitorino Vieira da Silva, fundador do Grêmio Mineiro, do bairro Carlos Prates: “tinha um departamento lá que as moças tomavam conta e os homens ajudavam, não é? Mais as moças que faziam e a gente ajudava na nossa sede”.¹³ Como também comentou Belmontes de Oliveira, filho do ex-presidente da Associação Esportiva Tupinambás, do bairro Horto: “Tinha uma sede ali embaixo e tinha baile nos fins de semana, não é? Tinha as diretoras e elas que comandavam essas festas, sabe. [...] quando tinham essas festas, o departamento feminino era para isso”.¹⁴ Nessa medida, o que se observava na maioria das associações amadoristas era uma divisão sexual entre os departamentos esportivo, integrado por homens, e social, com predominância de mulheres. Ainda que houvesse essa convivência, vale destacar que claramente havia a hegemonia masculina na condução geral das entidades.

Nesse sentido, vale a pena se voltar para as relações entre o carnaval e a atividade central que articulava essas agremiações, a disputa esportiva, afinal de contas, aqui são examinados clubes de futebol de várzea. Uma importante característica da organização dessas entidades era a busca da garantia de um calendário ininterrupto de jogos nos finais de semana. Formadas, sobretudo, por trabalhadores, um de seus principais objetivos era permitir que seus integrantes tivessem diversão a cada momento de folga, para o que lançavam mão não apenas da participação em competições oficiais, mas também de amistosos, excursões, festivais, jogos festivos e torneios avulsos. Independentemente do período do ano, havia um esforço por parte das associações e de seus dirigentes para assegurarem a realização de partidas que ocupassem as suas equipes. Uma intensa agenda de jogos que não era interrompida nem mesmo por um golpe de estado, como o ocorrido em 1964.¹⁵

¹² Entre sociedades dançantes negros cariocas, observou-se progressiva presença feminina nas diretorias. Cf. PEREIRA. *A cidade que dança*, p. 164-177.

¹³ CUSTÓDIO, João Batista [90 anos]; SILVA, Vitorino Vieira da [88 anos]; ARAÚJO, Wallace da Silva [53 anos]; ALMEIDA, Renato Adelino de [68 anos]. [jun. 2016]. Entrevistador: autor. Belo Horizonte, 18 jun. 2016.

¹⁴ OLIVEIRA, Belmontes de [65 anos]. [abr. 2016]. Entrevistador: autor. Belo Horizonte, 8 abr. 2016.

¹⁵ ESPORTES – Pitangui x Cachoeirinha Amanhã na Decisão do Certame Varzeano. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 4, 2º caderno, 4 abr. 1964.

Uma das raras exceções a essa tendência constituía-se, justamente, no carnaval, ocasião em que tanto as atividades dos clubes eram suspensas,¹⁶ como o eram as da entidade dirigente, o Departamento de Futebol Amador (DFA) da Federação Mineira de Futebol (FMF).¹⁷ Uma eventual tentativa de marcação de uma partida integrante de competição oficial poderia ser motivo de protestos, a exemplo do caso do supercampeonato de juvenis em 1952. Como apontava uma reportagem: “O desejo dos ‘players’ campeões é dos mais justos, pois todos desejam brincar no carnaval, sem as naturais preocupações decorrentes de um certame de grande responsabilidade”.¹⁸

Assim, a aspiração de brincar o carnaval se sobrepunha às exigências da disputa de uma decisão de campeonato. Vale ressaltar que, ao contrário dos discursos hegemônicos construídos em torno do futebol espetáculo ou dos esportes olímpicos, no contexto varzeano, não havia contradição entre o desempenho competitivo e uma perspectiva hedonista da vida, tão bem representada pelas sociabilidades de beira de campo, notadamente as resenhas pós-jogo.¹⁹

Nesse contexto, do ponto de vista da prática esportiva, o carnaval abria espaço para outra configuração da experiência, articulada a uma das formas de organização do calendário varzeano: os jogos festivos. Tal tipo de partida é marcante de datas celebrativas, como o fim do ano ou os aniversários das agremiações, momentos de baixa competitividade, quando prevaleciam o lúdico e o jocoso. Ocasões em que equipes se estruturavam sob outras lógicas, a exemplo dos tradicionais times de casados contra solteiros.²⁰ Ou quando contraposições sociais eram dramatiza-

¹⁶ VÁRZEA PAROU: CARNAVAL. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 6, caderno 2, 29 fev. 1960; Carnaval pára a várzea que espera a decisão. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, caderno 2, 15 fev. 1969.

¹⁷ NÃO HAVERÁ EXPEDIENTE DO D. F. A. DURANTE O CARNAVAL. *Diário de Tarde*, Belo Horizonte, p. 7, 12 fev. 1953.

¹⁸ Movimento para adiar a rodada do super-campeonato de juvenis. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 5, 21 fev. 1952.

¹⁹ Para um exame etnográfico dos encontros de jogadores amadores em bares no pós-jogo: CHIQUETTO, *A cidade do futebol*, p. 117-128.

²⁰ O festival do Flôr de Minas. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 5, 26 abr. 1951; SOLTEIROS, 4 X CASADOS, 1. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 9, 13 ago. 1963; Casados e Solteiros do Clube dos Doze. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 2, 2^o caderno, 9 dez. 1965.

das em pelejas que se esperavam mais descontraídas, a exemplo dos jogos de torcedores do Cruzeiro x torcedores do Atlético ou pretos x brancos.²¹

Em meio aos festejos momescos, tais disputas despojadas se apropriavam das tradições do período, como foi o caso da pelada à fantasia promovida pelo Santos F. C. do bairro dos Funcionários em 1949. Como era anunciado pelo *Diário da Tarde*: “Uma das principais atrações da festa do Santos será, não resta dúvida, o modo por que se apresentarão os dois quadros – rigorosamente fantasiados – em virtude do caráter carnavalesco da competição, a qual, por certo, não faltarão diversos “mascarados”...”.²²

Como indica a notícia, o carnaval era momento de subversão da competição esportiva, a qual tinha a uniformidade dos fardamentos das equipes substituída pela visualidade anárquica das fantasias.

Mais recorrente que o jogo de mascarados era a promoção do certame carnavalesco que incorporava homens travestidos de mulher, ao estilo dos blocos de rua. Nessas ocasiões, formava-se uma equipe “feminina” que se opunha a um time que se apresentava como o contendor “masculino”.²³ Em uma fotografia da década de 1980, publicada no *Diário da Tarde*, a tradição varzeana é reproduzida em uma associação recreativa de classe média, o Clube Belo Horizonte. Na imagem, reproduzida abaixo, podem-se perceber as tendências carnavalescas na escolha dos figurinos. Observa-se que a composição das vestes femininas é descuidada, sem a intencionalidade de uma simulação verossímil dos usos dados pelas mulheres. Traços masculinos estão preservados, a exemplo de barbas e bigodes. Adereços típicos dos festejos momescos, tais como colares havaianos, também denunciam a jocosidade da inversão. Em que pese isso, os homens ali expostos permitem-se fotografar em poses que fogem aos referentes hegemônicos de masculinidade, com demonstrações de afeto normalmente vedadas, licenciosidade, ao que parece, permitida pela *persona* assumida naquele contexto.

²¹ DIA 13, O JOGO “PRETOS X BRANCOS”. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 3 maio 1954; SILVA, Jarbas José da [68 anos]. [jun. 2018]. Entrevistador: autor. Belo Horizonte, MG, 23 jun. 2018.

²² PELADA A’ FANTASIA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 4, 25 fev. 1949.

²³ “PELADA CARNAVALESCA”. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 7, 17 fev. 1958.



Fig. 1 – Pelada de carnaval no Clube Belo Horizonte, 1980. Fonte: Clubes e promoções sociais. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 13, 16 fev. 1980.

A exemplo de outras partidas que dramatizavam contraposições, nesse caso, mesmo que em contexto festivo, uma tensão estava colocada, como cita a nota do *Diário da Tarde*: “As frágeis e dinâmicas representantes do sexo feminino, do Clube Belo Horizonte, enfrentam neste domingo, o time do ‘Machões’, que prometem suar as camisas para vencerem as ‘feministas’”.²⁴ Em uma prática social altamente generificada como o futebol, mesmo que em um contexto de clara inversão, o risco da dominação dos homens pelas “mulheres” não estava totalmente eliminado. Ainda que tratado no universo da jocosidade, certa excitação era garantida, dessa maneira, ao jogo.

Jogos festivos, como peladas à fantasia ou de travestis, eram eventos excepcionais em meio à suspensão do calendário ininterrupto de fins de semanas com partidas. O carnaval era momento de abandonar os campos, era ocasião em que as atenções se voltavam para as sedes sociais das agremiações e para as ruas. Cabe, portanto, investigar a que práticas carnavalescas os clubes varzeanos se

²⁴ Clubes e promoções sociais. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 13, 16 fev. 1980.

associavam, como a elas se integravam e de que forma elas se relacionavam a uma cultura esportiva popular.

Bailes carnavalescos em clubes de várzea

Como citado anteriormente, entre os anos 1940 e 1960, era comum que as agremiações varzeanas mantivessem sedes sociais que se dedicavam, principalmente, ao acolhimento de uma programação cultural centrada em horas dançantes, cuja promoção cabia aos departamentos sociais dos clubes, com grande protagonismo feminino. Era um calendário de bailes que se estendia por todo o ano, mas que tinha alguns pontos altos, de maior interesse, a exemplo do réveillon, dos festivais de aniversário e do carnaval.

Assim, nos dias dedicados a Momo, quando as atividades esportivas eram suspensas, era comum que vários clubes varzeanos se dedicassem à promoção de uma série de bailes. Uma programação que normalmente se estendia pelos quatro dias de festa e comportava matinês, para as crianças, e noites dançantes, para os adultos.²⁵ Segundo indicam as notas publicadas no *Diário da Tarde*, um conjunto considerável de agremiações mantinha festividades no período, certamente, mais de duas dezenas delas, a cada ano.²⁶

O programa de bailes poderia ser mais extenso, com a promoção de festejos como parte do grito de carnaval, em alguns casos, iniciando-se ainda na virada do ano.²⁷ Para movimentar o calendário de horas dançantes preparativas, algumas agremiações faziam eleições de rainha do carnaval, o que criava uma possibilidade de arrecadação para a realização das festas, uma vez que os votos eram decorrentes de cotas vendidas pelas candidatas aos seus apoiadores. Em 1957, por exemplo, o Esporte Clube Vila Concórdia, do bairro de mesmo nome, registrou a seguinte apuração:

²⁵ FESTEJOS CARNAVALESCOS NO MIAMI CLUBE. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 16 fev. 1954; CARNAVAL NO E. C. RENASCENÇA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 6, 27 fev. 1954; O FLUMINENSE FIRME COM O REI MOMO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 5, 11 maio 1956.

²⁶ Carnaval nos clubes amadoristas. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 7, 14 fev. 1954; VÁRZEA PAROU: CARNAVAL. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 6, caderno 2, 29 fev. 1960.

²⁷ REVEILLONS E GRITO DE CARNAVAL. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 1, 31 dez. 1953.

1º lugar – Nizia Floripes – 1919 votos, sendo a rainha do carnaval do E. C. Concordia.

2º lugar – Condina Joana – 1698 votos (princesa); 3º lugar – Maria José de Jesus – 1165 votos (princesa); 4º lugar – Wilma Lucia – 884 votos; 5º lugar Ilda Ribeiro – 200 votos; 6º lugar – Elcia Alves Maia – 193 votos; 7º lugar – Joaquina da Silva – 69 votos; 8º lugar – Eunice Serafim – 42 votos.²⁸

O número expressivo de votos alcançado pela rainha e pelas princesas eleitas certamente significava uma boa arrecadação para o clube, o que poderia se converter na promoção de uma festa de qualidade. Para tal, as agremiações se preocupavam com a contratação de orquestras de renome para conduzir as horas dançantes. Tanto é que os nomes dos regentes eram divulgados junto com outras informações básicas dos bailes.²⁹ A correta preparação dos festejos não significava apenas a afirmação do nome da entidade varzeana, mas também a possibilidade de uma renda satisfatória.

Como demonstrava o *Diário da Tarde* em sua divulgação dos bailes de carnaval realizados pela cidade, havia uma grande oferta que englobava não apenas as agremiações da várzea, mas uma boa quantidade de clubes recreativos das classes altas e médias,³⁰ que acabavam por ditar o tom do que se esperar de um festejo momesco. Nesse sentido, é interessante notar o que envolvia a preparação dessas horas dançantes e como as entidades amadoristas procuravam se posicionar nesse conjunto de promotores das festividades, tendo em vista as informações que compartilhavam com a imprensa.

Não raro, os clubes recreativos das classes altas e médias, situados em bairros centrais, da zona sul da cidade e da região da Pampulha, divulgavam as normas de realização de seus bailes carnavalescos. Uma série de recomendações que prediziam quem poderia participar – o que normalmente se restringia apenas aos sócios – , quais seriam as atividades e quais as regras de conduta deveriam ser ob-

²⁸ ELEITA A “RAINHA DO CARNAVAL” DO E. C. VILA CONCORDIA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 6, 22 fev. 1957.

²⁹ Carnaval no Fluminense. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 4, 30 dez. 1949; MOMO NO PITANGUI. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 7, 25 jan. 1951; “BERRO” DE CARNAVAL NO TREMEDAL. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 2, 5 fev. 1955; Folia de Raça, no Racing, *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 12, 3 fev. 1958; FIRME O ITAÚ COM MOMO I E ÚNICO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 3, caderno 2, 19 jan. 1961.

³⁰ CARNAVAL NOS SALÕES NOS DIAS GORDOS. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 2, 26 fev. 1949.

servadas pelos participantes. Neste último caso, havia a delimitação da faixa etária, a definição de quais fantasias eram aceitáveis ou não, a proibição do consumo de lança perfume etc.³¹

No caso das agremiações varzeanas, eram poucas as que contavam com esse espaço no *Diário Tarde*, para fazer uma divulgação mais extensa de seus bailes. Mas dentre as que o conseguiam, observa-se que as regras eram muito semelhantes³². Nessa perspectiva, percebe-se a filiação a códigos de conduta que buscavam afirmar tais festas como espaços familiares e controlados.

Bailes carnavalescos constituíam-se em um momento importante para a ampliação da base de sócios das agremiações. Vale lembrar que a manutenção de uma programação social era uma estratégia central na ampliação dos quadros dos clubes, pois, ao contrário dos campos varzeanos, onde a frequência era franqueada, uma vez que eles eram abertos, nas sedes sociais, a carteira de membro era o que garantia a entrada nas diversas atividades. Nessa perspectiva, por serem dos mais procurados, os festejos momescos cumpriam um papel na expansão das entidades, o que explica a opção pela restrição à participação apenas dos filiados.

Por ser uma ocasião especial, mesmo entre os contribuintes, poderia haver a previsão de cobrança de entradas ou da taxa de carnaval,³³ uma forma de arrecadação para as entidades, mas também de financiamento da festa. Nessas ocasiões, era comum que os clubes previssem decoração especial em suas sedes. Em 1954, por exemplo, o Miami Clube, uma agremiação classista do comércio, divulgou investimentos de 30 mil cruzeiros,³⁴ o que incluía a contratação de um artista para a preparação do salão.³⁵ Gastos como esse, ao que parece, eram recompensadores, dirigentes do mesmo Miami destacavam, em 1955, a importância da programação social para o financiamento das ações esportivas.³⁶

³¹ CARNAVAL NO MINAS TENIS CLUBE. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 7, 16 fev. 1954.

³² O CARNAVAL NOS CLUBES. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 7 e 8, 12 fev. 1952; FESTEJOS CARNAVALESCOS NO MIAMI CLUBE. *Diário da Tarde*, p. 7, 16 fev. 1954.

³³ O CARNAVAL NOS CLUBES. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 7 e 8, 12 fev. 1952.

³⁴ Valor correspondente a 25 salários-mínimos praticados no período. Cf. BRASIL. *Decreto nº 30.342, de 24 dez. 1951*. Altera as tabelas do salário-mínimo dá outras providências. Disponível em: <https://bit.ly/3Mc4sZP>.

³⁵ 30 mil cruzeiros gastou o Miami para a decoração de sua sede. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 7 e 11, 26 fev. 1954.

³⁶ A IMPORTANCIA DAS ATIVIDADES SOCIAIS NUM CLUBE AMADOR. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 20 set. 1955.

Em outros casos, a possibilidade de compra de ingressos poderia ser ampliada a não sócios. Era o que ocorria no Renascença, um clube do bairro operário de mesmo nome que, no final dos anos 1950, converteu-se ao profissionalismo.³⁷ Dispondo de uma excelente estrutura proporcionada pela fábrica de tecidos Renascença, à qual era vinculada, a agremiação ocupava seu ginásio nos dias dedicados a Momo, onde realizava matinês e bailes. Com espaço amplo, o clube comercializava ingressos a seus filiados e ao público em geral. Em 1954, por exemplo, eram cobrados 50 cruzeiros do sócio, enquanto o não sócio pagava 100 cruzeiros³⁸ pelos quatro dias de festa.³⁹

Para atrair o público, os festejos carnavalescos do Renascença reuniam diversas atrações. Em 1958, ano de ingresso da equipe na primeira divisão de futebol profissional de Minas Gerais, a festa contou com a apresentação de quatro escolas de samba da cidade.⁴⁰ Esse esforço acabava sendo revertido em rendas que ajudavam a financiar o futebol, então profissional, da agremiação. Como indicou reportagem do ano seguinte:

Os esforços da diretoria do Renascença, desenvolvidos no sentido de transformar o carnaval em fonte de renda para o clube, foi coroado de absoluto êxito. A par do resultado financeiro obtido pelo clube dos tecelões, tiveram os associados a oportunidade de se divertir bastante e em ambiente de grande respeito e camaradagem.

Repetindo os sucessos dos outros carnavais, quando o Renascença obteve resultados financeiros apreciáveis (70 mil cruzeiros no ano passado), êste ano, conseguindo um movimento bruto de 180 mil cruzeiros de arrecadação, lhe sobrarão, líquidos, no mínimo, 100 mil. Vê-se daí, que não foram pequenas as despesas. Só de orquestra o clube dispendeu (*sic*) a importância de 40 mil cruzeiros. Somada esta aos impostos pagos, confecções de ingressos, quebras de cascos, etc., prevê-se um total de 80 mil cruzeiros de despesas.⁴¹

³⁷ RENASCENÇA – O PRIMEIRO TIME DE B. HORIZONTE A PROFISSIONALIZAR-SE. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 6, 2º caderno, 10 maio 1958.

³⁸ O valor do salário-mínimo do período era de 1.200 cruzeiros.

³⁹ CARNAVAL NO E. C. RENASCENÇA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 6, 27 fev. 1954.

⁴⁰ Brilhou de novo a Renascença. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 12, 2ª edição, 3 fev. 1958.

⁴¹ Renascença arrecadou 180 mil: Carnaval. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 5, 2º caderno, 12 fev. 1959.

Com uma arrecadação bruta equivalente a 30 salários-mínimos do período,⁴² o clube tinha no carnaval, além de uma festividade para a mobilização de seu quadro de sócios, uma fonte de renda que compunha a verbas para o financiamento do profissionalismo. Perspectiva que seria reafirmada em 1968, momento em que a agremiação ensaiava um retorno do futebol espetáculo depois de se afastar do campeonato mineiro da primeira divisão em 1966.⁴³

Se, até os anos 1960, a divulgação dos bailes entre as agremiações varzeanas era recorrente, ao longo dos anos 1970, observa-se uma rarefação desses anúncios. Vários fatores podem ser associados a esse fenômeno. Em primeiro lugar, é possível apontar para a urbanização da antiga região suburbana da capital, o que encarecia os aluguéis. Foi um período em que vários clubes perderam as sedes sociais que ocupavam.⁴⁴ Outra questão relevante foi a expansão da zona sul da cidade que se converteu em região voltada às populações das classes altas e médias, um processo que significou o desaparecimento de agremiações varzeanas, por um lado, e a criação de clubes recreativos para essas camadas sociais, por outro. Assim, se num primeiro momento observava-se uma convivência entre os diferentes perfis de associações, com o tempo, uma distinção foi ficando clara.

Nesse movimento, alguns clubes varzeanos passaram por um reposicionamento, acompanhando a própria transformação do bairro onde estavam situados. O melhor exemplo desse processo foi o Tremedal, do Carlos Prates, um bairro tradicional da zona suburbana, que entre os anos 1950 e 1970, converteu-se em opção para classes médias que não podiam acessar a zona sul. O progressivo abandono do futebol,⁴⁵ com o maior investimento em outras modalidades e em áreas de recreação para o sócios foram perceptíveis nesse contexto. O marco principal dessa transformação foi a construção de sua piscina.⁴⁶ Tal conversão tinha impacto direto no status da

⁴² BRASIL. *Decreto nº 45.106-A*, de 24 dez. 1958. Altera a tabela de salário-mínimo e dá outras providências. Disponível em: <https://bit.ly/3Mc7UUb>.

⁴³ MELANE, Antônio Carlos. Minas ganha de novo o futebol do Renascença. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 13, 15 fev. 1968.

⁴⁴ CUSTÓDIO, João Batista [90 anos]; SILVA, Vitorino Vieira da [88 anos]; ARAÚJO, Wallace da Silva [53 anos]; ALMEIDA, Renato Adelino de [68 anos]. [jun. 2016]. Entrevistador: autor. Belo Horizonte, 18 jun. 2016.

⁴⁵ Notas da varzea. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 9, 13 set. 1955.

⁴⁶ DIA 6, A INAUGURAÇÃO DA PISCINA DO TREMEDAL. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 9, 31 jan. 1957.

agremiação, uma das poucas que ainda se manteve relevante na cobertura dos bailes de carnaval nos anos 1970.⁴⁷

Uma tendência que vinha se delineando na década de 1970, seria consolidada na década de 1980, com o afastamento das agremiações varzeanas do circuito de bailes carnavalescos. Ainda que alguns clubes ainda mantivessem sedes e horas dançantes nesse período,⁴⁸ suas realizações já não contavam com a mesma visibilidade na imprensa. No caso dos bairros populares, apenas os festejos promovidos pelos centros sociais e esportivos, como aqueles mantidos pelo SESC, eram noticiados.⁴⁹

Se esse momento marcou um declínio do carnaval de salão entre as agremiações varzeanas, do ponto de vista das festividades na rua era um período de retomada. Nessa outra vertente das celebrações momescas, os clubes amadoristas também tinham sua parcela de contribuição, como será tratado a seguir.

CARNAVAL E OCUPAÇÃO DAS RUAS

Em muitos casos, a própria realização de uma programação de bailes carnavalescos nas sedes dos clubes varzeanos era ensejo para a ocupação das ruas, em especial ao início das celebrações, a título de “grito de carnaval”. Era esse o caso do Esporte Clube Vila Concórdia, do bairro de mesmo nome, que anunciou em 1956:

Continua o Lord Diogo a trabalhar incessantemente, lá na Vila Concórdia, para que a batalha de confeti que ali fará realizar no próximo dia 7 de fevereiro, e que será a primeira do ano, alcance um sucesso fora do comum. A tremenda “furupa”, que tem o patrocínio do Vila Concórdia, destacado gremio amadorista de futebol da Vila, terá como local a Praça Mexico e depois da festança, ali, será aberta a sede social do Esporte Clube Vila Concórdia, para então ser realizado um “arrasta” daqueles, com eleição da Rainha do Carnaval da Vila.⁵⁰

⁴⁷ Carvanel/72. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 11, 11 fev. 1972; Programa dos clubes e preços das mesas. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 3, 28 fev. 1976.

⁴⁸ LIMA, Márcio Rodrigues de [68 anos]. [jan. 2018]. Entrevistador: autor. Belo Horizonte, 13 jan. 2018; SILVA, Osvaldo Patrocínio da [69 anos]; BARROS, Sergio Thadeu [63 anos]. [set. 2017]. Entrevistador: autor. Belo Horizonte, 25 set. 2017.

⁴⁹ Esqueça as tristezas, viva esses quatro dias de folia. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 16 fev. 1980.

⁵⁰ VAI SER DO BALACO O “FUZUÊ” DA VILA CONCORDIA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 7, 26 jan. 1956.

O texto, que se utilizava da tradicional linguagem dos anúncios carnavalescos, indica a realização de uma batalha de confete na praça próxima à sede do Vila Concórdia, a qual seria seguida pelo baile de eleição da rainha do carnaval da agremiação, a ser promovido em suas dependências. Uma iniciativa que se aproveitaria da mobilização popular no espaço público para incrementar a frequência aos salões da associação varzeana, fórmula utilizada por outras entidades.⁵¹ Assim, mesmo em contextos de programação de noites dançantes em espaços fechados, as celebrações momescas promovidas pelas entidades esportivas impactavam a paisagem dos bairros, que tinham as ruas transformadas pelas comemorações inau-gurais do período.

Se vários clubes se destacavam pela promoção de bailes carnavalescos, outros tantos aproveitavam os dias do reinado de momo para a organização de blocos ou cordões⁵² que reuniam seus integrantes e percorriam as ruas do bairro. Muitas foram as agremiações que anunciaram a organização desses conjuntos entre os anos 1940 e o início dos 1960.⁵³ Dentre esses, o que mais se destacou foi o Leão da Lagoinha, bloco que carrega o apelido do clube do qual se originou, o Terrestre, do bairro Lagoinha, e que ostenta as cores da equipe em seu estandarte, o vermelho e o branco.

A conexão entre o bloco e a entidade se estendia para sua composição, como demonstra o anúncio dos desfiles do Leão da Lagoinha, em 1952, que indicava que, entre os organizadores, estavam alguns atletas da equipe principal, a exemplo de Chimango e Mario Tocafundo.⁵⁴ Reconhecido como o bloco de rua mais antigo da cidade em atividade, fundado em 1947, por anos, fez o desfile inaugural do carnaval de Belo Horizonte, tradição que se manteve até os anos 1980,⁵⁵ quando o coletivo se desestruturou.⁵⁶

Da mesma forma que acontecia com os blocos que percorriam as ruas dos bairros em dias de carnaval, as escolas de samba de Belo Horizonte, por diversas

⁵¹ DIA QUATRO, NA CACHOEIRINHA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 6, 1º fev. 1956.

⁵² Para uma discussão dos tipos de agrupamentos carnavalescos: CUNHA. *Ecos da Folia*.

⁵³ ANDARAÍ, LEGÍTIMA GLORIA DO AMADORISMO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 4, 15 jan. 1949; O PESSOAL BATUTA DO RACING ADERIU!.. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 3, 2º caderno, 17 jan. 1959.

⁵⁴ Novas perspectivas para o Terrestre. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 5, 11 jan. 1952.

⁵⁵ Já divididos em grupos, escolas e blocos intensificam os ensaios. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 9, 2 fev. 1981.

⁵⁶ Recentemente, o bloco foi reorganizado e retomou seu posto na abertura do desfile oficial local.

vezes, apresentaram uma estreita relação com o futebol de várzea da cidade. A conexão mais clara foi a da Unidos da Brasilina, agremiação carnavalesca criada dentro do clube amadorista de mesmo nome.⁵⁷ Baseada na Vila Maria Brasilina, parte do atual bairro Sagrada Família, a Unidos da Brasilina desfilou, por décadas, desde o final dos anos 1940⁵⁸ até o início dos anos 1980,⁵⁹ sendo campeã do carnaval de 1956.⁶⁰

Apesar de ligada ao clube de futebol, a tradicional agremiação sambista acabava tendo uma diretoria própria, na maior parte dos anos, ligada ao seu “maioral” Osvaldo.⁶¹ Figuras como essa se aproximam bastante do que Raphael Piva Favero categorizou como o “abnegado” no caso da várzea,⁶² um sujeito que dedica grande parte de sua vida ao clube e se torna o esteio da entidade, quase que sua personificação.

Outro desses baluartes do carnaval belo-horizontino é José Luiz Lourenço, mais conhecido como Conga, sambista e “maioral” da Inconfidência Mineira, tradicional agremiação carnavalesca do bairro Concórdia.⁶³ Além de sua intensa atuação no samba, consolidando-se como um dos principais representantes da velha guarda local,⁶⁴ possivelmente manteve relações com o futebol, uma vez que, no mesmo bairro, era indicado que um “conga” assumia as funções de técnico do Concordiano Futebol Clube, sendo “elemento bastante relacionado no meio amadorista da capital”.⁶⁵

O trânsito entre essas duas expressões se manifestava de diferentes formas, até mesmo no consumo, como indicava a reorganização dos estabelecimentos comerciais dedicados a materiais esportivos que, em período carnavalesco, ofereci-

⁵⁷ SOUZA, Gemir de [89 anos]; PAULA, Marcelo de [62 anos]. [jun. 2016]. Entrevistador: autor. Belo Horizonte, 24 jun. 2016.

⁵⁸ Ensaio, hoje, na Escola de Samba “Unidos da Brasilina”. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 2, 8 fev. 1949.

⁵⁹ Tudo pronto para um grande carnaval de rua. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 21 fev. 1981.

⁶⁰ A ESCOLA DE SAMBA “UNIDOS DA BRASILINA” EM POLVOROSA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 15, 11 fev. 1957.

⁶¹ As escolas de samba da cidade, suas côres e seus “maiorais”. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 10 fev. 1954.

⁶² FAVERO. “A várzea é imortal”, p. 47.

⁶³ PONTO ALTO DO CARNAVAL DE RUA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 5, 19 fev. 1958.

⁶⁴ MOREIRA, Zu. Mestre Conga completa 95 anos e recebe homenagem de coletivo de sambistas de Belo Horizonte, G1, 2 fev. 2022. Disponível em: <http://glo.bo/3BrnLJD>.

⁶⁵ Eleita a nova diretoria do Concordiano. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 7, caderno 2, 20 abr. 1960.

am produtos para blocos e escolas de samba.⁶⁶ Aproveitando-se de uma clientela muito parecida, essas lojas redefiniam sua atuação em um período excepcional, no qual as atividades futebolísticas eram suspensas.

Outra conexão inusitada pôde ser percebida em um concurso de beleza negra promovido pela Unidos da Brasilina em parceria com a Inconfidência Mineira e o jornal O Debate, intitulado “10 mais certinhas do morro”. Dentre as eleitas, puderam ser identificadas integrantes do Bramag Futebol Clube e do Estrela Solitária Futebol Clube, duas agremiações varzeanas, que se juntavam a outras entidades, a exemplo da Associação José do Patrocínio, clube negro local, dentre aquelas representadas.⁶⁷ Mais uma indicação dessa circularidade entre os dois universos.

A década de 1950 e o início da década de 1960 foram um período de ascensão do carnaval de Belo Horizonte. Algo que pode ser constatado, por exemplo, pela observação do significativo crescimento do número de integrantes no desfile. Enquanto, em 1958, anunciava-se que, dentre as dez escolas em disputa, esse quantitativo variava de 42 a 109 componentes,⁶⁸ poucos anos depois, em 1964, ele alcançava 400 figurantes a 300 figurantes entre as principais agremiações.⁶⁹

Para isso, evento importante na capital mineira foi a criação da Escola de Samba Cidade Jardim, grande campeã dos carnavais dos anos 1960, que revolucionou o segmento, se lançando em seu primeiro ano, 1961, já com 180 integrantes.⁷⁰ Mais uma sociedade momesca com relações com o futebol de várzea, uma vez que sua sede ficava nas proximidades do campo do Santa Maria Esporte Clube, com quem mantinha boas relações, cedendo a quadra para festividades da equipe esportiva.⁷¹ Ambas as entidades foram criadas no recém instalado Conjunto Santa Maria, um projeto habitacional do final da década de 1950 criado para o reassentamento de famílias removidas da favela Santa Lúcia para a construção de uma barragem.⁷²

⁶⁶ TODO APOIO SUPERBALL: AO CARNAVAL DE RUA DE BH. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 4, 14 jan. 1961.

⁶⁷ ESCOLAS DE SAMBA HOMENAGEIAM “10 MAIS CERTINHA DO MORRO”. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 3, caderno 2, 24 jan. 1962.

⁶⁸ PONTO ALTO DO CARNAVAL DE RUA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 5, 19 fev. 1958.

⁶⁹ Panorama Social. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 4, 15 fev. 1964.

⁷⁰ NOVA ESCOLA DE SAMBA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 5, caderno 2, 13 fev. 1962.

⁷¹ ARAÚJO, Modestino da Silva [56 anos]; SILVA, Sebastião Fernandes da [63 anos]; PRADOS, Vicente de Souza [65 anos]. [jun. 2016]. Entrevistador: autor. Belo Horizonte, MG, 5 jun. 2016.

⁷² BELO HORIZONTE. Prefeitura. *Relatório de 1958*, apresentado à Egrégia Câmara Municipal pelo prefeito Celso Mello de Azevedo. Belo Horizonte, 1959, p. 30-32.

Se o carnaval de rua de Belo Horizonte havia experimentado um crescimento na passagem da década de 1950 para a de 1960, a partir de meados daqueles anos, esse quadro se transformaria. Para o que o Golpe Militar e Civil de 1964 e o clima de vigilância que se seguiu à instalação do regime autoritário tiveram contribuição direta. Nessa medida, tornava-se recorrente a presença ostensiva da patrulha policial em manifestações populares na cidade.

Era o caso do carnaval que, segundo informava o *Diário da Tarde*, a cada ano se tornava mais controlado. Em 1966, o articulista Moraes Terra destacava que, “No carnaval de rua êste ano, na Cidade, o que mais havia era polícia”, a qual “apesar do trabalho elogiável na manutenção da ordem” contribuía “para o esfriamento de um período carnavalesco dos mais desanimados”.⁷³ Cinco anos depois, a normalização do controle sobre os festejos parecia aprofundar-se, como denota a coluna “ABRAM ALAS, AÍ VEM A POLÍCIA”:

* Polícia promete ser dura neste Carnaval. Soldados, agentes e policiais (mais de cinco mil) vão tomar conta da folia do mineiro. Missão da polícia: prender quem abusa e garantir quem queira apenas se divertir.

* Os biquines e trajés atentatórios à tranquilidade da família mineira foram proibidos. Não podem ser imorais nem nas ruas nem nos clubes. Proibido atentar o diabo. Aqui não vale: quem com o ferro fere, com o ferro será ferido.

* Proibido também beber demais. Isso dá trabalho para a polícia e muita contrariedade para os que bebem e também para os que não bebem. Mas os bares poderão vender bebidas à vontade. No caso de abuso, prisão. [...]

* Tudo isso faz parte da resolução do Alto-Comando-da-Polícia-no-Carnaval. Quem seguir a lei não será perturbado. Nesse Carnaval seja sério – não exagere, é proibido – não contrarie, é proibido – não tire onda, é proibido.⁷⁴

Apesar da normalidade com que as regras eram apresentadas, a ironia final do texto, bem ao estilo carnavalesco,⁷⁵ apontava para a insatisfação com uma festa tão vigiada e controlada. A cada ano, as constatações da perda de força das celebrações momescas eram reiteradas. O excesso de disciplina levava à desmobilização dos festejos que ainda eram afetados pela burocratização crescente.

⁷³ TERRA, Moraes. Mineiro Inibido e Sem Dinheiro Teve Carnaval Cercado de Muita Polícia Por Todos os Lados. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 2, 23 fev. 1966.

⁷⁴ ABRAM ALAS, AÍ VEM A POLÍCIA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 4, 2º caderno, 30 jan. 1971.

⁷⁵ DAMATTA. *Carnavais, malandros e heróis*, p. 80.

A isso se somavam problemas de ordem financeira enfrentados pelas agremiações carnavalescas, que tinham dificuldades para acessar os recursos de fomento público. Os valores disponibilizados nos anos anteriores nunca foram muito consideráveis. Por exemplo, em 1958, as premiações pagas da 1ª à 5ª colocada entre as escolas concorrentes variavam de quatro a um salário-mínimo⁷⁶ do período.⁷⁷ Contudo, ajudavam a viabilizar as apresentações, que ainda contavam com esforços dos próprios integrantes e de apoiadores da comunidade.⁷⁸

A partir do advento do regime autoritário, novas dificuldades foram impostas às escolas. Logo no primeiro carnaval pós-golpe, o cenário desenhado era desanimador, com a indicação da suspensão de qualquer incentivo financeiro à festa.⁷⁹ A partir de então, com prefeitos indicados em vez de eleitos, vários deles sem conexões com os grupos populares da cidade, os patrocínios públicos aos desfiles dependiam da vontade do mandatário. De modo que foram várias as ocasiões, entre o final da década de 1960 e ao longo da de 1970, que houve ameaças de suspensão das apresentações das agremiações.⁸⁰

Apesar das dificuldades, algumas escolas conseguiam progredir, a exemplo da já citada Cidade Jardim.⁸¹ Em outros casos, o envelhecimento de seus “maioriais” colocava a continuidade das agremiações em risco. Foi o caso do Unidos da Brasilina nos anos 1970. Em 1971, o *Diário da Tarde* anunciava as dificuldades enfrentadas pela escola de samba:

Este ano não vai ser igual aos outros que passaram para a Escola de Samba Unidos da Brasilina. [...] Êste ano, a velha campeã está desanimada e nem parece que as fantasias tricolores – azul, ouro e branco – já desfilam há 15 anos. Para pagar as fantasias e alegorias, a escola tem que apelar para o

⁷⁶ BRASIL. *Decreto nº 39.604-A*, de 14 jul. 1956. Altera a tabela de salário-mínimo e dá outras providências. Disponível em: <https://bit.ly/456NG6Y>.

⁷⁷ APOIO DO PREFEITO PARA O MAIOR SUCESSO DO CARNAVAL. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 6, 1º fev. 1958.

⁷⁸ MUITA ANIMAÇÃO NA “MONTE CASTELO”. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 6, 16 fev. 1957.

⁷⁹ PBH NÃO PODE COLABORAR COM CARNAVAL ÊSTE ANO. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 2, 11 fev. 1965.

⁸⁰ Prefeito não quer aumentar verba e escolas ameaçam sabotar o carnaval. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 2, 7 jan. 1967; Escolas e Blocos lutam pela verba de carnaval, *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 2, 22 jan. 1968; Verba é o que estão pedindo as escolas e blocos. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 16 jan. 1971; Antes do grito do carnaval o grito pelas verbas da Prefeitura. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 10 jan. 1979.

⁸¹ Cidade Jardim reconquista o título de melhor escola. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 3, 3 mar. 1976.

comércio, pois nem terreiro para ensaiar a escola tem. O terreiro de São Cristóvão é alugado. [...] Isso tudo só porque o maioral Osvaldo dos Santos morreu em dezembro. Era o fundador e presidente da Brasilina. Era pobre, mas tinha prestígio e com sua popularidade sempre arranjava as coisas e dava um jeito. Agora está tudo mais difícil. A escola está sem dinheiro e triste. Está faltando um.⁸²

Como aponta a nota, a perda do “maioral”, o qual concentrava prestígio e acessos que, em grande medida, viabilizavam as atividades da agremiação, representava uma ameaça para sua continuidade. De fato, apesar de ainda desfilar por mais uma década,⁸³ a Unidos da Brasilina vivenciou sua decadência ao longo dos anos 1970.⁸⁴ Outro ponto importante da nota é a indicação das dificuldades enfrentadas pela escola em relação à manutenção de seu terreiro, o espaço para os ensaios do conjunto.

Da mesma forma que ocorria com a manutenção das sedes sociais dos clubes varzeanos, para as escolas mais tradicionais, formadas na zona suburbana de Belo Horizonte, o avanço da urbanização impunha grandes desafios para a viabilização de um espaço amplo o suficiente para o desenvolvimento de suas atividades. Nesse sentido, mais uma vez, uma aproximação entre as duas expressões culturais populares era verificada, na medida em que as dependências das agremiações amadoristas eram disponibilizadas para ensaios e outras iniciativas das sociedades carnavalescas.

Era o caso da relação entre o Inconfidência Esporte Clube e a escola de samba Inconfidência Mineira, ambos do bairro Concórdia. Além da coincidência de nomes, suas trajetórias se mostraram muito próximas, com registros de cessão do campo do clube para festividades da escola nos anos 1950.⁸⁵ Décadas depois, o mesmo lugar seria indicado como o “terreiro” do Inconfidência Mineira, onde aconteciam seus ensaios.⁸⁶

Nos anos 1980, há vários outros registros de utilização de espaços esportivos por escolas de samba e blocos caricatos – este último, um formato bastante tradicio-

⁸² NA RODA DE SAMBA. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 9, 20 fev. 1971.

⁸³ Tudo pronto para um grande carnaval de rua. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 21 fev. 1981.

⁸⁴ Nas ruas e nos salões, Grande BH faz voltar o carnaval de ontem. Mais animado. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 19, 28 jan. 1978.

⁸⁵ Notas da várzea. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 10 jan. 1957.

⁸⁶ Uma semana decisiva para os ensaios das escolas de samba. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 15, 24 fev. 1976.

nal do carnaval local – , são exemplo as cessões das quadras poliesportivas de agremiações como o Rio Casca,⁸⁷ o Esplanada⁸⁸ e o Tremedal.⁸⁹ Toda essa aproximação e circularidade reverberavam, também, na prática futebolística, em especial, nas beiradas de campo.

Não raro, integrantes das baterias de escolas de samba e de blocos de rua organizavam charangas para acompanharem as equipes. Nesse quesito, nos anos 1970 e 1980, havia muita interação entre os clubes da favela Pedreira Prado Lopes e região, tais como Ferroviária e Araribá, e os ritmistas da Escola de Samba Unidos Guarani, do mesmo bairro, que sempre estavam presentes animando a torcida dessas agremiações.⁹⁰



Fig. 2 – Bloco rítmico da Ferroviária na final da Copa Arizona, 1980. Acervo: Renato Arruda.

Um registro dessa articulação entre blocos rítmicos e futebol dentre as agremiações da Pedreira Prado Lopes, pôde ser visto durante a participação da Ferroviária na final local da Copa Arizona de 1980, uma competição nacional promovida por uma marca de cigarros, em parceria com organismos de imprensa, como o *Diário da Tarde* (fig. 2).

⁸⁷ Com o samba no pé e na alma. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 10, 7 fev. 1981.

⁸⁸ Carnaval maior. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 11, 3 fev. 1983.

⁸⁹ Grito de Carnaval no Horto e Glória. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 15 fev. 1984.

⁹⁰ SILVA, Jarbas José da [68 anos]. [jun. 2018]. Entrevistador: autor. Belo Horizonte, 23 jun. 2018.

A imagem registrada no antigo estádio do Cruzeiro, no bairro do Barro Preto, capta a performance do bloco rítmico de torcedores da Ferroviária, com a mobilização de diversos instrumentos percussivos. Portando bandeira com as cores da agremiação e chapeis promocionais da competição, inúmeros integrantes da torcida podem ser vistos. Como indicado no relato de um ex-atleta da equipe,⁹¹ dentre o grupo, possivelmente, estavam diversos ritmistas da Escola de Samba Unidos Guarani.

A referida agremiação carnavalesca, inclusive, é uma das referências da retomada do carnaval de rua na cidade.⁹² Se os anos 1970 foram um período de esvaziamento do espaço público, com a prevalência do carnaval fechado dos clubes, em especial os das classes médias e altas,⁹³ a década seguinte, marcou lenta retomada, com a revalorização das escolas e dos blocos.⁹⁴ Nesse contexto, agremiações carnavalescas da periferia mais recentemente assumiam o protagonismo da festa, suplantando as associações tradicionais.

A relação da Unidos Guarani com os clubes de várzea não era novidade, pois remontava à organização anterior de pequenos blocos rítmicos a beira de campo,⁹⁵ como aponta a fotografia abaixo do grupo intitulado “Índios do Ponte Preta”.

A imagem registra um grupo de torcedores do clube que, segundo inscrição, se intitularia “Índios do Ponte Preta” (fig. 3). Destaca-se a existência de vários instrumentos, em sua maioria de percussão, entre os integrantes: surdo, tarol, repinique, cuíca e pandeiro, além de um violão. Observa-se também uma maleta de primeiros socorros, com o nome da entidade. À esquerda, um atleta uniformizado abraça um dos espectadores. A imagem produzida no campo da Ponte Preta, no alto do bairro ferroviário do Horto, oferece bela tomada do sudeste da cidade, com a Serra do Curral ao fundo. Grupos como esse animavam as torcidas, transferindo os ritmos carnavalescos para os espaços de jogo, com uma sobreposição de expressões da cultura popular dos bairros.

⁹¹ SILVA, Jarbas José da [68 anos]. [jun. 2018]. Entrevistador: autor. Belo Horizonte, 23 jun. 2018.

⁹² Unidos Guarani: campeã das Escolas de Samba. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 3, 2 mar. 1979.

⁹³ O carnaval está acabando. Sai das ruas para os clubes. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 8, 26 fev. 1973.

⁹⁴ Tamborim de Ouro revive o Carnaval. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, p. 7, 25 abr. 1981.

⁹⁵ Para um estudo das batucadas de beira de campo no futebol de várzea de São Paulo, SANTOS, *O samba como patrimônio cultural em São Paulo/SP*.



Fig. 3 – Índios do Ponte Preta, anos 1950. Acervo: Associação Esportiva Cultural Ponte Preta.

Nessa medida, uma ampla circularidade entre o futebol de várzea e as expressões do carnaval se efetivava: jogos festivos, bailes, blocos, escolas de samba e charangas eram iniciativas que articulavam esses dois universos. Tais atividades atravessaram diferentes espaços da vida de bairro e da cidade, tais como os campos, as sedes sociais e as ruas. Uma trajetória que se forjou na consolidação das comunidades locais, dentre as quais as celebrações momescas e as experiências esportivas eram manifestações de sociabilidade integradas a um mesmo esforço de busca de diversão, de constituição de laços entre vizinhos e de formação de vínculos com o lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo objetiva, sobretudo, explorar as diferentes intersecções efetivadas entre o futebol de várzea e as celebrações carnavalescas em Belo Horizonte entre as décadas de 1940 e 1980. A percepção dessas conexões e circularidades permite compreender de que forma os dois universos construíram inúmeros pontos de contato na experiência da constituição da vida de bairro em diferentes momentos da formação da periferia urbana da capital mineira.

A percepção dessa articulação entre as duas expressões culturais populares permite aproveitamentos que extrapolam a reflexão sobre a condução daquelas atividades no período abordado. Certamente, é valiosa a identificação de como, por

exemplo, os festejos carnavalescos ajudavam as equipes varzeanas a integrar seus jogadores em partidas festivas e descontraídas, a financiar as suas atividades esportivas com o valor arrecadado em bailes, a assegurar a inserção feminina, com o engajamento de mulheres na promoção de bailes, a entreter seus associados e garantir a ampliação de seu corpo de membros. Na mesma medida, havia as possibilidades dos blocos e escolas de samba de se articularem a uma comunidade gerada em torno das entidades esportivas, de fazerem uso de espaços das práticas atléticas ou de garantirem apresentações em celebrações organizadas pelas associações amadoristas.

Como o artigo buscou demonstrar, essas relações não foram estanques ao longo das décadas. Transformações conjunturais da cidade impactaram nas relações entre o futebol de várzea e os festejos momescos. Em bairros suburbanos, que cada vez mais se urbanizavam e tinham seus terrenos valorizados, as dificuldades econômicas de manutenção de uma sede social acabaram levando à rarefação dos bailes. Na mesma medida, a ascensão de um regime autoritário reverberou na vivência do carnaval de rua, com o enfraquecimento de blocos e escolas de samba, cuja retomada só se deu com a redemocratização nos anos 1980.

Assim, mais do que a identificação das aproximações imediatas, vale ressaltar que a investigação da historicidade da conexão entre futebol e carnaval na experiência urbana, abre possibilidades para uma reflexão mais processual das carnavalizações desse esporte, afastando-se de uma perspectiva essencialista do fenômeno. Nesse sentido, vale ressaltar como a identificação das circularidades entre o futebol popular ou de várzea e os festejos momescos ainda é pouco conectada nas análises sobre a cultura das torcidas organizadas, grupos igualmente originados das periferias das grandes cidades e que, certamente, compartilham referências desse outro universo do futebol.

Assim, o presente artigo espera contribuir na compreensão de um dos caminhos para essa aproximação entre futebol e carnaval que marca a experiência brasileira.

* * *

REFERÊNCIAS

- ALBA, Jorge Antônio. **Memórias do Clube Esportivo e Recreativo Atlântico da cidade de Erechim**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Escola Superior de Educação Física/UFRGS, Porto Alegre, 2008.
- BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil**: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria. São Paulo: Estação Liberdade/Fapesp, 1998.
- BORGES, Maria Eliza L. **História & fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. **A cidade do futebol**: etnografia sobre a prática futebolística na metrópole manauara. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). FFLCH/USP, São Paulo, 2014.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira Cunha. **Ecoss da folia**. Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. A sociedade vista da periferia. In: KOWARICK, Lúcio. (Org.). **As lutas sociais e a cidade**: São Paulo – passado e presente. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 169-204.
- FAVERO, Raphael Piva Favalli. **“A várzea é imortal”**: abnegação, memória, disputas e sentidos em uma prática esportiva urbana. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). FFLCH/USP, São Paulo, 2018.
- IBGE. **Censo demográfico**: 1960. Rio de Janeiro: IBGE, 1960.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- MELO, Victor Andrade de. **Cidade expandida**: estudos sobre esporte no subúrbio carioca. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2022.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **A cidade que dança**: clubes e bailes negros no Rio de Janeiro (1881-1933). Campinas/SP: Editora Unicamp: Rio de Janeiro/RJ: EdUERJ, 2020.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um futebol de fronteira**. Pelotas/RS: UFPEL, Editora Universitária, 2004.
- SANTOS, Alberto Luiz dos. **O samba como patrimônio cultural em São Paulo/SP**: as batucadas de beira de campo e o futebol de várzea. Tese (Doutorado em Geografia Humana). FFLCH/USP, São Paulo, 2021.

* * *

Recebido em: 09 de julho de 2022.
Aprovado em: 20 de abril de 2023.